



8-12.10.2024



PORTO

queerporto.pt



Batalha
Casa Comum
Passos Manuel



Queer Porto 10

Festival Internacional de Cinema Queer

Produção



Festival Apoiado por



BATALHA CENTRO DE CINEMA



Coprodução



CASA COMUM



Apoios à Programação



Patrocinadores



Patrocinadores de Prémios



Hotel Oficial



Televisão Oficial



Rádio Oficial



Apoios



Restaurantes Parceiros



Parcerias Média



Apoio a Eventos



8-12 outubro 2024 | Batalha, Casa Comum, Passos Manuel

Calendário de Sessões | Screening Timetable

	Terça 8 Tuesday	Quarta 9 Wednesday	Quinta 10 Thursday	Sexta 11 Friday	Sábado 12 Saturday
Batalha - Sala 1					
19h15	The Life of Sean DeLear	Desire Lines	A Metade de Nós	Lady Like	As Fado Bicha
21h30	Noite de Abertura Onda Nova	Patagonia	Le Corps du délit	Salão de Baile	Noite de Encerramento The Summer with Carmen
Batalha - Sala 2					
15h00					Fernanda Young - Foge-me ao Controle
17h15	El Polvo	Prémio Casa Comum 1	Prémio Casa Comum 2	A House Is Not a Disco + Vollúpya	Si Je meurs, ce sera de joie
19h30	Genderpoli + Habitar	Toda Noite Estarei Lá + Pirenopolynda	Can't Stop Change + One Night at Babes	Lesvia	The Disappearance of Shere Hite
Batalha - Cafeteria & Bar					
18h00		Listening for Something... Adrienne Rich and Dionne Brand in Conversation		Isabelle Stengers: fabriquer de l'espoir au bord du gouffre	
19h00		Relatos Circunstanciais de um Estado de Coisas			
19h30				Isabelle Stengers	
Casa Comum (Reitoria da Universidade do Porto)					
18h00		Queer Resistance Shorts	Cinema Política Shorts Programme	As I Was Looking Above, I Could See Myself Underneath	
19h30			Resistência Queer		
Passos Manuel					
22h00		The Visitor	S/He Is Still Her/e: the Official Genesis P-Orridge Documentary	Mathieu Morel Shorts	
	BAR OF SOAP				PASSOS MANUEL
	Welcome Party 22h00-02h00				Farewell Party 23h00-05h00

■ Competição Oficial
 ■ Prémio Casa Comum
 ■ Sessões Especiais
 ■ Queer Focus
 ■ Panorama
 ■ Espaços Seguros
 ■ Autoras em Diálogo
 ■ Noites no Passos
 ■ Conversas
 ■ Festas

Queer Porto 10

Festival Internacional de Cinema Queer

- | | | | |
|----|---------------------------------|----|--|
| 4 | Editorial “Do outro lado de cá” | 13 | Panorama |
| 6 | Júris | 14 | Espaços Seguros |
| 7 | Noite de Abertura | 17 | Queer Focus: Resistência Queer |
| | Noite de Encerramento | 20 | Noites no Passos |
| | Sessão Especial | 22 | Autoras em diálogo: filmes e conversas |
| 8 | Competição Oficial | 23 | Exposição |
| 11 | Prémio Casa Comum | | Festas |

Equipa Queer Porto

Diretor Artístico: João Ferreira

Programação: Constança Carvalho Homem, Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro, Hilda de Paulo, João Ferreira

Direção: Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro

Produção: Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro

Consultoria: António Fernando Cascais

Movimento de Cópias: Daniel Pinheiro

Hospitalidade: Cristian Rodríguez

Imprensa, Comunicação e Redes Sociais: André Picardo

Design Gráfico: Ivo Valadares

Website: João Pascoal Studio, After You

Tradução: Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro, João Ferreira

Tradução Legendagens: Bernardo Castro, Erico Santos, Luís Barreto, Manuela M. Tavares, Mónica Costa, Patrícia Abreu Felício, Sofia Espada

Música Trailer: Pantha du Prince

Organizado por:

Associação Cultural Janela Indiscreta

Casa do Cinema

Rua da Rosa, 277, 2.º

1200-385 Lisboa

Tel.: + (351) 91 610 69 04

info@queerlisboa.pt

Batalha

Praça da Batalha 47

4000-101 Porto

Tel. + (351) 225 073 308

Estação Metro: Bolhão

www.batalhacentrodecinema.pt

Bilhete inteiro: 4€

3,00€ Bilhete Tripass

2,00€ Bilhete Cartão Porto., estudantes, +65 anos, desempregados, colaboradores da CMP e Ágora

As sessões e eventos na Cafeteria & Bar são de entrada gratuita

Horário bilheteira:

Terça-feira: das 14h00 às 20h00*

Quarta, quinta-feira e domingo: das 11h00 às 20h00*

Sexta e sábado: das 11h00 às 22h00*

*em caso de haver sessões a acontecer depois da hora de encerramento da bilheteira, a bilheteira permanece aberta até 30 minutos após o arranque da última sessão.

Bilheteira online: BOL

Casa Comum

Praça de Gomes Teixeira

4099-002 Porto

Tel. + (351) 220 408 000

Estação Metro: São Bento

www.sigarra.up.pt/reitoria

Entrada livre para as sessões e debate do Queer Porto 10, dentro da lotação estipulada

Passos Manuel

Rua Passos Manuel 137

4000-382 Porto

Tel. + (351) 937 202 918

Estação Metro: Bolhão

Bilhete inteiro: 4,00€

3,00€ Bilhete Tripass

Bilhetes disponíveis na bilheteira do Passos Manuel, no próprio dia, uma hora antes da sessão começar.

Do outro lado de cá

João Ferreira

Dizer que o Queer Porto conhece a sua 10.ª edição, neste ano de 2024, num contexto mundial particularmente desafiante, seria um eufemismo. A atual situação política global, e as suas consequências sociais e culturais, é um desastre há muito anunciado e um rastilho para um futuro próximo que dificilmente vislumbramos sem um manto de desesperança. Os grandes projetos humanistas pós-Segunda Grande Guerra, de promoção e garantia da paz mundial e de defesa dos direitos humanos, foram sendo sistematicamente rasgados pela mão de muitas das mesmas nações que os haviam firmado. É certo que nestes quase 80 anos foram demasiados os conflitos e os ataques a esses mesmos direitos humanos, mas foram também muitas as conquistas no sentido de construir uma sociedade que acreditaríamos, no século XXI, viesse a ser mais justa, mais empática, mais solidária. Seria de esperar que tivéssemos aprendido com os nossos muitos erros históricos. Pelo contrário.

A ascensão das extremas-direitas e dos populismos numa sociedade onde o jornalismo foi substituído pelo comentário faccioso, onde o exercício político serve cada vez menos os cidadãos em detrimento da subserviência aos mercados e interesses instalados, tornando-se mero expediente dos mesmos, um sentido de comunidade e entreajuda abalroado pelo individualismo narcísico da rede social sem rede. Estes são alguns dos muitos sintomas de um novo século que se vê agora a braços com a invasão da Ucrânia, o genocídio em Gaza, os inúmeros conflitos territoriais, as fronteiras físicas que são também mentais, a crise dos migrantes, e esse grande cemitério que é o Mediterrâneo, enquanto a Europa assobia para o lado. Democracias que elegem novas ditaduras. Depois das grandes conquistas dos movimentos sociais iniciados nos anos 1960 e das contraculturas, palcos de construções utópicas que fizeram crer num mundo melhor e mais justo, assistimos hoje às crescentes assimetrias sociais, LGBTQI+-fobias,

xenofobias, expressões de ódio disparadas em todas as frentes. Parece ser o século de todas as falências.

É este o contexto, eufemisticamente desafiante, que não podia deixar de ser o gatilho para as programações do Queer Lisboa e do Queer Porto. Foi a partir deste olhar ao mundo, em particular para algumas realidades europeias e do Médio Oriente, que pensámos um programa de Resistência Queer como o Queer Focus deste ano, e que acontece nas duas cidades. Diferentes realidades e contextos de países como a Ucrânia, o Kosovo, a Palestina, a Hungria ou o Chipre, fazem-nos pensar na resistência, na força para além das capacidades físicas e mentais. Que força pode ter um sentido de comunidade perante o inconcebível e o desumano? Este programa é feito de um cinema de urgência, é um exercício empático que olha os dois lados das barricadas para além das políticas não raras vezes de morte que imperam em alguns destes territórios. É um olhar para o lado de lá que é também o lado de cá.

Talvez consequência ou mecanismo de defesa, a partir da Resistência Queer desenhou-se aquele outro programa que pensámos à volta da ideia de Espaços Seguros. Historicamente, não apenas as comunidades queer, mas todas aquelas minorias rejeitadas pelo *mainstream* ou que não encontravam aí um espaço de quotidiano e expressão, criaram para si e para os seus iguais esses lugares de segurança. Lugares que não raras vezes ascenderam a microsociedades organizadas, alternativas, e que nos obrigam a refletir sobre alternativas maiores ao mundo em que vivemos. E este programa é um reflexo desse alcance. Se, num primeiro passo, esses espaços seguros materializaram-se na criação de associações, casas, bares ou até bairros, e até apropriações de zonas para a prática do *cruising*, com o tempo, o desafio e a necessária ambição são aqueles de ocupar e viver esses muitos outros lugares que nos foram vedados, tornando-os também nossos. Um programa



Simeiz



Can't Stop Change: Queer Climate Stories from the Florida Frontlines

que é sobre a pertença e uma reflexão sobre que lugares são estes que ocupamos hoje.

Apetece dizer que a vida continua. E os muitos filmes que habitam esta edição do Queer Porto propõem-nos um olhar complexo sobre as realidades das pessoas e comunidades LGBTQI+ nas mais diversas geografias, nos seus confrontos externos, mas também internos, no que é que significa ser-se queer, hoje, nas suas múltiplas expressões e desafios. Um cinema que gradualmente olha para fora, que abraça o que está à sua volta, que pensa e ousa desenhar soluções, sejam elas puramente pragmáticas ou igualmente necessárias utopias.

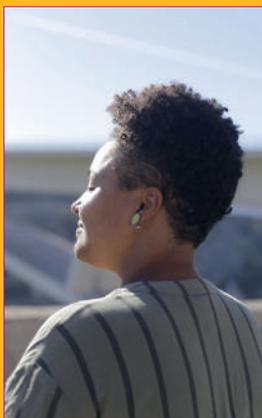
Nas várias propostas que apresentamos fora de competição, presença portuguesa no documentário *As Fado Bicha*, de Justine Lemahieu, um retrato íntimo da banda que ousou desafiar a linguagem do fado, resgatando-o para o espaço queer. A questão do idadismo e da tanatofobia, presente em *Si Je meurs, ce sera de joie*, de Alexis Taillant, filme que olha para o envelhecimento, não como exercício saudosista, mas como tendo um futuro lá dentro. O fenómeno drag impulsionado pelo RuPaul's Drag Race, aqui representado por uma das suas concorrentes, a Lady Camden, em *Lady Like*, de Luke Willis. E essa figura singular do movimento feminista norte-americano, Shere Hite, na sua luta frustrada pelo reconhecimento académico e científico enquanto mulher num meio de homens, ao mesmo tempo em que operava uma verdadeira revolução sexual com as suas investigações, aqui retratada em *The Disappearance of Shere Hite*, de Nicole Newnham. Filme este que, inevitavelmente entra em diálogo com um outro programa, de filmes e debates, que propomos para este ano à volta de um conjunto de autoras que, nas suas diferentes áreas científicas, filosóficas ou literárias, são vozes muito singulares que nos ajudam a pensar esse tal nosso lugar: Fernanda Young, Isabelle Stengers, Adrienne Rich e Dionne Brand.

A 10.ª edição do Queer Porto, a par dos espaços do Batalha e da Casa Comum, estende a sua programação ao mítico espaço do Passos Manuel, com as Noites no Passos. Aqui vamos poder ver o mais recente Bruce LaBruce, *The Visitor*, um dos seus filmes mais políticos desde *The Raspberry Reich*, e que vai abordar a crise das migrações no Reino Unido através de uma reescrita do Teorema, de Pasolini. Figura controversa e revolucionária da cultura queer, Genesis P-Orridge conhece o seu derradeiro retrato, antes da sua morte em 2020, no documentário *S/He Is Still Her/e: the Official Genesis P-Orridge Documentary*, de David Charles Rodrigues. E a fechar estas Noites no Passos, propomos a descoberta de uma novíssima voz do cinema francês, Mathieu Morel, com três curtas-metragens onde uma muito singular linguagem que mistura o terror e o explícito, o gore e o existencial, faz adivinhar um nome a reter para o futuro.

Vindo diretamente da última edição do Festival de Cinema de Locarno, uma das grandes surpresas deste ano tem honras de abertura do festival: em versão restaurada, o clássico de 1983 do cinema brasileiro, *Onda Nova*, de José Antonio Garcia e Ícaro Martins, filme de emancipação sexual e manifesto de liberdade em plena Ditadura Militar no Brasil. Para encerrar esta edição de aniversário do Queer Porto, e em jeito de descompressão, propomos uma muito desbragada comédia grega, *The Summer with Carmen*, de Zacharias Mavroeidis. E no coração do Queer Porto 10, como não podia deixar de ser, entre longas e curtas-metragens, da ficção ao documentário, do experimental à animação, passando pela docuficção, estão os 20 filmes que enchem as duas secções competitivas, perspectivas contemporâneas que ora parecem observar de longe, ora se atiram à frente e rasgam, ora refletem e procuram compreender, ora buscam a urgência de soluções. Em comum, são todas elas histórias sobre este tal lugar que ocupamos hoje. E talvez nos ajudem a pensar sobre o que fazer com este lugar.

Júri Competição Oficial

Júri Prémio Casa Comum



© Tiago Santos

Claire Sivier

(ela/dela) é investigadora negra-britânica, produtora cultural, vive no Porto. Nos últimos 13 anos, o seu trabalho é desenvolvido com artistas, jovens e pessoas de comunidades marginalizadas, para além de organizar uma variedade de festivais e programas culturais. Em 2020, Claire concluiu o mestrado em Arte e Design para o Espaço Público na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde desenvolveu uma metodologia de arte ambulante, explorando as experiências vividas por artistas negras da diáspora no Porto. Desde então, fundou a *Caminhada de Mulheres Negras* (2021). Integra o InterStruct Collective.



Conceição Nogueira

iniciou a sua carreira académica em 1988 na Universidade do Minho. Em 1997 defendeu o Doutoramento em Psicologia Social com a tese "Um novo olhar sobre as relações sociais de género: uma perspetiva feminista crítica na psicologia social" e em 2011 defendeu a Agregação com o título "Psicologia Feminista Crítica. Os desafios da interseccionalidade". Atualmente é Professora Catedrática da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, onde é diretora do Programa Doutoral em Sexualidade Humana. Autora de vários livros em português (Portugal e Brasil) e de várias publicações (inter)nacionais sobre Estudos de Género, Feminismos e Sexualidades.



Laetitia Morais

nasce em Paris em 1984 e reside no Porto. Artista e docente na área das artes visuais e do cinema (EA – UCP). Com especial interesse por dispositivos ópticos e cinematográficos, pelas suas qualidades matéricas e intangíveis, mas também por dinâmicas culturais de resistência ou de transição, cuja investigação é apresentada em formato de filme, pintura e instalação. A sua obra integra várias coleções públicas e privadas, nacionais e internacionais. Foi cofundadora em 2019 da cooperativa cultural Laia e do laboratório de cinema experimental da Torre.



Marco Gabriel

é Produtor Cultural da Unidade de Cultura da Reitoria da Universidade do Porto desde 2009. Todo o seu percurso académico foi desenvolvido na área da Cultura e Património, é Licenciado em Gestão do Património pela ESEP – Escola Superior de Educação do Porto, e pós-graduado em Planeamento e Promoção da Cultura pela Universidade Portucalense. Em 2018, esteve envolvido na criação da Casa Comum, projeto cultural da U. Porto, onde tem vindo a coordenar várias atividades ligadas às diferentes áreas artísticas.



Paulo Silva

conclui a licenciatura em Cinema – Produção da Escola Superior de Teatro e Cinema, em 1985. Entre 1989 e 1990, faz vários trabalhos na área do cinema e televisão como produtor *freelancer*. Entre 1990 e 2017 trabalha como Produtor no Tratamento de Programas, especialmente nas dobragens de programas infantis, para a RTP. Desde 2017 trabalha, também na RTP, na Consulta de Conteúdos – CPLP. Nos tempos livres, é um apaixonado pela BD e pelo universo de Tolkien, desde os anos 1980.



Paulo Pereira

como designer de comunicação, tem repartido a sua atividade profissional entre o trabalho em gabinetes de design, o ensino universitário e a atividade *freelancer*, com especial interesse na área editorial e da representação da informação e do conhecimento. Atualmente, é responsável pelo Design de Comunicação do Centro de Astrofísica da Universidade do Porto, trabalhando na comunicação e divulgação do conhecimento científico para o Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço e o Planetário do Porto – Centro Ciência Viva. Tem promovido um espaço de encontro interdisciplinar e de manifestações artísticas.



Tiago Aires Lêdo

é artista de som, novos media e performer. Mestre em Multimédia pela FEUP e Licenciado em Cinema pela ESAP, colabora desde 2019 com a Orquestra Jazz de Matosinhos, desenvolvendo os projetos L.E.M. e Flormiga. Cria e publica música a solo como Som Flores e é ainda professor de Fotografia e Vídeo na escola profissional EPROMAT. Desde 2020, está envolvido também em diversos projetos de teatro e performance como intérprete e criador.

Noite de Abertura

Onda Nova

Considerado “amoral” e censurado integralmente pela ditadura brasileira, este filme – agora exibido em versão restaurada e remasterizada – é uma ode ao desejo, opondo-se a todo tipo de moralismo sexista, que tem como pedra fundante o controle da sexualidade das mulheres através das narrativas sobre sexo. Relatando as façanhas das jogadoras do Gayvotas Futebol Clube, um time feminino pioneiro que desafiou as normas conservadoras da época, apoiado por ícones do futebol brasileiro como Casagrande, Wladimir e Pitta – figuras centrais da Democracia Corintiana –, *Onda Nova* não só aborda a regulamentação tardia do futebol feminino no Brasil, mas também explora questões pessoais e familiares das jogadoras cisgêneras, contextualizando essas histórias dentro de um período de intensa repressão política e evidenciando em si que – embora as posturas patriarcais frequentemente produzam discrepâncias entre os comportamentos de homens e mulheres cis – tais diferenças são somente aprendidas, e não inatas ou “naturais”. H.P.



José Antonio Garcia, Ícaro Martins (Brasil, 1983, 102')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 8 outubro
Batalha, Sala 1, 21h30

Noite de Encerramento

The Summer with Carmen

Enquanto passa um dia na praia queer de Atenas, Demóstenes oferece-se para ajudar o seu melhor amigo e aspirante a cineasta, Nikitas, a elaborar uma ideia para o seu filme de estreia, inspirado nos acontecimentos em torno de uma certa cadela de nome Carmen. Há dois verões atrás, Demóstenes estava retido em Atenas, a lidar com os problemas de saúde do seu pai, o que lhe serviu de desculpa para reatar o contato com Panos, seu ex-namorado. Enquanto isso, Panos adotou a irresistível Carmen, do qual depressa se arrependeu. Da mesma forma, Demóstenes parece ter-se arrependido da rutura com Panos. Ou talvez não. Estreada no Festival de Cinema de Veneza, em 2023, *The Summer with Carmen* é uma muito surpreendente e desbragada comédia grega, dramaticamente fiel às regras clássicas da construção narrativa. Mas aqui, o nosso “herói” é um funcionário público, sexy e desajeitado, que se passeia nu por quase todo o filme, e que nos brinda com os seus muito acentuados dramas existenciais, resultando numa muito inteligente comédia, plena de sarcasmo e nostalgia. J.F.



© Theodoros Mihopoulos GSC

Zacharias Mavroeidis (Grécia, 2023, 106')
Fic. VO grega, leg. em inglês. M/16

Sábado 12 outubro
Batalha, Sala 1, 21h30

Sessão Especial

As Fado Bicha

Entre 2019 e 2023, Justine Lemahieu regista vários momentos d'*As Fado Bicha*. A banda, composta pelas duas artistas e ativistas, Lila e João, deixa-se filmar pela realizadora na intimidade dos camarins, dos seus encontros e das suas casas. Respondendo a questões que as levam a revisitar o passado, o documentário é também pautado por momentos que nos dão a ver a sua expressão artística – através do fado, contam, sem concessões, as suas histórias e constroem uma musicalidade que é reflexo das lutas da comunidade LGBTQI+. Através das suas letras e sonoridade, abrem um processo de aceitação, representatividade e reparação. Através do seu posicionamento pessoal, questionam a relação da sociedade com as aparências, as normas de género, linguagem e sexualidade. Lemahieu apresenta-nos a oportunidade de um “concerto” onde podemos conhecer parte do percurso e transformação destas duas pessoas à medida que se estabelecem no panorama musical, mas, acima de tudo, na sua própria visão de quem são. D.P.



Justine Lemahieu (Portugal, 2024, 81')
Doc. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 12 outubro
Batalha, Sala 1, 19h15

Competição Oficial

A ficção, o documentário e as formas híbridas encontram-se nesta competição. *Le Corps du délit*, de Léo, é uma primeira longa que parte de experiências reais de violência policial e as cruza com uma ficção plausível: Jean, cineasta revoltoso, executa e filma o ataque a uma esquadra para vingar a morte de um amigo, transformando-se também ele em assassino. Na prisão, as horas são gastas em debates imaginários sobre a forma legítima de atacar o sistema, e na vertigem homoerótica entre o alienado Jean e o seu guarda. Também *Desire Lines*, de Jules Roskam, prefere a fronteira, cria uma narrativa em torno de um arquivo LGBTQIA+ para propor a reflexão sobre o modo como a masculinidade trans e a identidade gay podem encontrar-se. O filme resgata o ativismo de Lou Sullivan, primeira pessoa a definir-se como *female-to-gay-male*, e completa-o com um conjunto de valiosas entrevistas. Nos documentários, começamos por *Lesvia*, de Tzeli Hadjidimitriou, crónica agrídoce de quarenta anos de peregrinação lésbica à aldeia de Eressos, em Lesbos. A realizadora, ali nascida e criada, registou em jovem este fenómeno, e dá voz às estrangeiras “descendentes de Safo” para quem a ilha foi um lugar de liberdade e vida comunitária, tanto como aos locais, que se dividem entre a hostilidade e a integração. Em *The Life of Sean DeLear*, Markus Zizenbacher justapõe entradas de diário, vídeo e depoimentos de amigos e cúmplices para dar a conhecer esta personalidade do meio artístico de Los Angeles das décadas de 80 e 90. Vocalista da banda de power-pop-punk Glue, Sean deLear foi um caso de rara alegria, com um coming out

pessoal e artístico militante e audacioso. Já *Salão de Baile*, de Juru e Vitã, filma uma festa em que as principais casas de *ballroom* do Rio de Janeiro competem. Com certa veia didática, Juru e Vitã contam a génese das categorias competitivas e mostram como a região apropriou esta cultura. Performatividade, cura, sentido de pertença são inerentes ao *ballroom* – ser-nos-à dito que “é uma igreja, um hospital, um quilombo, uma contracultura” –, num filme que não evita mostrar conflitos e discriminações internas. Por fim, *El Polvo*, do realizador argentino Nicolás Torchinsky, é sobretudo a história de uma despedida. Acompanhamos o realizador e os seus pais na pungente tarefa de esvaziar a casa de Julio/Juli, artista e travesti. Com um respeitoso uso da câmara, o filme constrói, a partir de recordações, telefonemas, superstições, e excertos de uma peça de Copi, a imagem difusa de um ente querido. Na ficção, estreias seguras. A *Metade de Nós*, de Flávio Botelho, segue com dedicação forense o rasto de um suicídio. Os pais de Felipe vivem cada um a sua forma particular de luto e de apego. Irremediavelmente separados, como podem abafar a culpa? Quanto sabiam do filho, e quanto sabem, afinal, de si? *Patagonia*, de Simone Bozzelli, tece uma perturbadora trama de dependência e manipulação. Yuri, rapaz sensível e órfão sob a guarda partilhada de várias tias, cai no engodo de Agostino, palhaço de profissão e pirómano. Há uma viagem impossível como pano de fundo a desculpar os golpes de Agostino, que é simultaneamente patrão, figura paterna e amante... Tempestade perfeita da toxicidade, a deste filme. C.C.H.

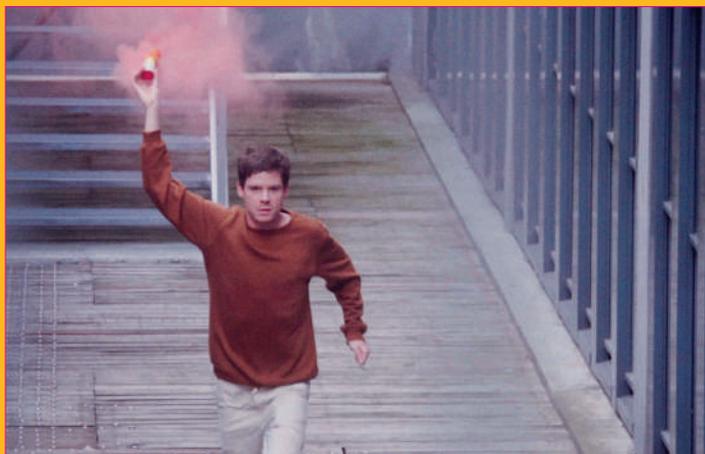
Le Corps du délit

Jean, um jovem videasta, recorre às armas após a morte de um amigo durante um raide policial. Enquanto está preso, a aguardar pelo julgamento, é visitado por espíritos.

Léo (França, 2023, 81')

Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 10 outubro • Batalha, Sala 1, 21h30



Desire Lines

Ahmad, um homem trans iraniano-americano à procura do seu lugar na história, encontra nos arquivos mais do que uma simples ligação ao passado.

Jules Roskam (EUA, 2024, 83')

Docufic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 9 outubro • Batalha, Sala 1, 19h15



© Marie Hinson, courtesy of Jules Roskam

Lesvia

Lesvia narra mais de quarenta anos de identidade lésbica e de conflito entre os moradores de uma pequena vila na ilha grega de Lesbos e as lésbicas que chegaram em busca de amor, liberdade e comunidade.

Tzeli Hadjidimitriou (Grécia, 2024, 78')
Doc. VO grega e inglesa, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 11 outubro • Batalha, Sala 2, 19h30



The Life of Sean DeLear

Personalidade extraordinariamente colorida e exuberantemente transgressora que deslumbrou as cenas musicais e artísticas marginais da Los Angeles de finais dos anos 1990 e 2000, Sean DeLear (1964-2017) emergiu repentinamente como figura cultural genuinamente seminal graças à publicação póstuma, em 2022, do seu íntimo e explícito diário de adolescência.

Markus Zizenbacher (Áustria, 2024, 82')
Doc. VO inglesa e alemã, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 8 outubro • Batalha, Sala 1, 19h15



A Metade de Nós

Francisca e Carlos lutam para se adaptar à nova realidade após o suicídio do único filho, Felipe. Mergulhados em fantasias, medos e melancolia, o casal separa-se. Carlos muda-se para o antigo apartamento de Felipe, alienando-se na vida do filho morto. Já Francisca, assombrada pela culpa, dedica-se a desvendar o enigma do suicídio.

Flávio Botelho (Brasil, 2023, 89')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 10 outubro • Batalha, Sala 1, 19h15



Competição Oficial

Patagonia

Yuri, de 20 anos, leva uma vida tranquila com a sua tia idosa, numa pequena vila italiana, que é tudo o que ele conhece. Um dia, aparece Agostino, um saltimbanco que faz festas para crianças, que lhe promete a independência que nunca imaginou querer. Sonhando com a liberdade da Patagónia, os dois embarcam numa jornada de autoafirmação, que depressa se transforma num pesadelo de cativoiro.

Simone Bozzelli (Itália, 2023, 112')
Fic. VO italiana, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 9 outubro · Batalha, Sala 1, 21h30



El Polvo

Uma família esvazia o apartamento da Tia Juli, recentemente falecida. O espaço e a família são atravessados pelo luto. Objeto após objeto, quarto após quarto, através dos episódios e histórias que diferentes familiares e amigos vão relembrando, surgem fragmentos da sua figura intangível: a sua vida como artista, a transição de género, o seu exílio no Brasil durante a ditadura militar, o desejo de amor, o humor irreverente, o ativismo trans e os últimos anos da sua vida carregando o peso do VIH.

Nicolás Torchinsky (Argentina, 2023, 73')
Doc. VO espanhola, italiana e portuguesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 8 outubro · Batalha, Sala 2, 17h15



Salão de Baile

Na cidade do Rio de Janeiro e arredores, a juventude LGBTQI+ recria a cultura *ballroom* nos seus próprios termos. Um retrato dos dramas, das performances de *voguing* e da arte do *shade*, cinquenta anos depois do seu início em Nova Iorque. *Rio is burning!*

Juru, Vitã (Brasil, 2024, 92')
Doc. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 11 outubro · Batalha, Sala 1, 21h30



Prémio Casa Comum

O cinema queer português está de parabéns. Mais um ano, a sua juventude e frescura estão garantidas. E não só, também continua ousado. Falamos de um cinema que transborda limites, que renova linguagens, que subverte expectativas. Um exemplo: o género outrora mais comum nesta secção – e o mais ortodoxo no mundo do cinema –, a ficção, está este ano representado unicamente por uma curta-metragem: *À Tona d'Água*. Um filme que, mesmo assim, podemos definir como escorregadio e enigmático, quase, poderíamos dizer, com um anseio por transicionar, similar ao da sua protagonista. Reflexões sobre a identidade e as suas bifurcações são também chave na docuficção *Mercúrio*, outro exemplo de um cinema atrevido, sobretudo pela sua imaginação plástica, ao abordar como dar voz a narrativas de pessoas nas margens e como catapultá-las para latitudes oníricas e siderais. Num registo mais desafiante, duas propostas também arrojadas: no estimulante ensaio *Spillovers* – obra irmã da sua performance homónima –, Ritó Natálio cruza noções de teoria queer e ecosexualidade para conformar um glossário transfeminista onde corpos, cavidades, fluidos e palavras mutam sensorial e politicamente. David Leal regressa ao festival com o perturbador *Convuluted (Artificial Sorry > Church Intelligence)*, espinhosa curta-metragem experimental que vincula dois temas de candente atualidade: inteligência artificial e abusos na igreja. Outra realizadora de volta ao festival é Tatiana Ramos, que em *Anoitecer*

redige uma carta ao seu eu adolescente lembrando os verdes anos de descoberta sexual na sua Évora natal. *Carta ao Pai e Vinte e Poucos* são igualmente cartas autobiográficas dos seus autores – ao seu ex-namorado e ao seu pai, respetivamente –, extremamente honestas e sentidas. Três filmes, estes últimos, nos quais a memória adquire uma aura de refúgio do passado e, ao mesmo tempo, de chave com que destrancar as portas do futuro. No programa há ainda espaço para diversos tipos de conexões entre homens: a honesta conexão entre o realizador e o protagonista de *What Are You Looking for?* dá-se através do formato entrevista do primeiro ao segundo; a cuidada animação a preto e branco *Cherry, Passion Fruit* explora elementos da natureza como metáfora do desejo; o jogo homoerótico que propõem Inês T. Alves e Henrique Antão em *Os Bravos*, filmado na Ilha Terceira, cativa pela sua ambiguidade. E, por último, dois nomes próprios de mulher que reclamam o seu espaço. Por um lado, a criminosa Clémentina, nome na ficção da personagem interpretada pela atriz e ativista Maria João Vaz, num *5 Minutes with Clémentina* que convida a ser lido como irónico comentário sobre a sua própria figura pública; por outro, a inesquecível figura de *Clotilde*, personagem de animação que fala uma língua fictícia e reside num planeta extraterrestre, mas cuja personalidade sobrevoa às presentes nos restantes filmes do programa como se se tratasse de uma deidade ancestral. C.R.

Prémio Casa Comum 1 (69')

Quarta-feira 9 outubro • Batalha, Sala 2, 17h15

Mercúrio

Mercúrio é um ser celeste que vive nos nossos dias e coleciona os nossos sonhos. Curioso com o que os humanos andam a sonhar, todas as noites visita a casa de várias pessoas e grava as suas histórias. Mas esta noite será diferente.

Bernardo Gramaxo (Portugal, 2024, 25')
Fic. VO portuguesa, leg. inglês. M/16

Cherry, Passion Fruit

Na natureza há tanto a cascata que desagua quanto o fogo que consome. Dentro de uma misteriosa floresta tropical, o querer toma forma entre o amor e a dor. Confrontarias o desejo que te assombra?

Renato José Duque (Portugal, Bélgica, Finlândia, 2024, 5')
Anim. VO portuguesa, leg. inglês. M/16

Vinte e Poucos

Após o desfecho de uma relação de três anos, João escreve uma carta sobre o passado, o futuro, o amor, a amizade, medos e crescimento pessoal.

João Nunes (Portugal, 2024, 14')
Doc. VO portuguesa, leg. inglês. M/16

Spillovers

Uma fabulação de “Lesbian peoples: material for a dictionary” (Monique Wittig e Sande Zeig, 1976), obra icónica do feminismo lésbico, sob a forma de uma conferência a várias vozes onde se experimenta um novo glossário transfeminista em diálogo com a memória deste livro.

Ritó Natálio (Portugal, 2024, 9')
Exp. VO inglesa, leg. português. M/16

Carta ao Pai

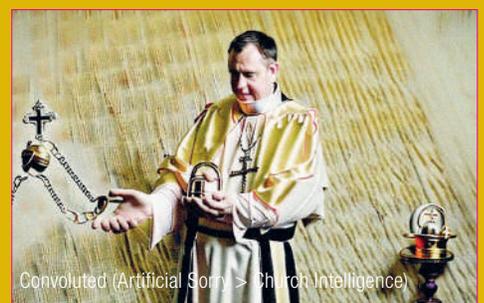
Uma carta audiovisual de um filho para o seu pai onde, através de uma viagem às suas memórias de infância e adolescência, tenta reparar a sua relação com o mesmo, marcada por conflitos devido à sua sexualidade.

Rafael Ferreira (Portugal, 2023, 10')
Doc. VO portuguesa, leg. inglês. M/16

5 Minutes with Clémentina

Durante uma entrevista íntima no estúdio, Clémentina desvenda o motivo por trás dos seus crimes: uma busca desesperada por atenção que começou na sua infância negligenciada.

Pedro Hasrouny (Portugal, 2024, 6')
Fic. VO inglesa, leg. português. M/16



Prémio Casa Comum 2 (69')

Quinta-feira 10 outubro • Batalha, Sala 2, 17h15

À Tona d'Água

Uma criança pré-adolescente passa as férias de verão em família num aldeamento turístico. Um lago em construção no campo de golfe torna-se o pano de fundo de um misterioso encontro. E a descoberta de um outro desconhecido torna-se a descoberta do eu desconhecido.

Alexander David (Portugal, 2024, 23')
Fic. VO portuguesa, leg. inglês. M/16

What Are You Looking for?

Deepak, um imigrante nepalês em Lisboa, procura o amor numa cultura tóxica de encontros gay online, obcecada com as aparências. Perante a objetificação e o racismo, Deepak, juntamente com o realizador, revela a realidade destes encontros modernos. Juntos, procuram uma ligação autêntica, baseada na compreensão e no respeito.

Iqran Rasheed (Portugal, Hungria, Bélgica, 2023, 15')
Doc. VO nepalesa, leg. inglês. M/16

Convoluted (Artificial Sorry > Church Intelligence)

Inspirado pela reemergência de numerosos casos de abuso sexual em Portugal, desencadeada pela visita do Papa ao país, o filme faz uso da inteligência artificial para devolver objetos de castidade – originalmente associados a práticas religiosas, mas agora adotados por comunidades fetichistas – às suas origens, entregando-os de volta a figuras da igreja.

David Leal (Portugal, Irlanda, 2023, 6')
Exp. VO inglesa, s/ legendas. M/16

Os Bravos

Dois rapazes conhecem-se durante uma oficina de cinema nos Açores. Vindos, aparentemente, de realidades distintas, iniciam uma relação improvável de curiosidade mútua, desafiando a estabilidade das suas convicções sobre bravura e ternura.

Henrique Antão, Inês T. Alves (Portugal, 2022, 14')
Docufic. VO portuguesa, leg. inglês M/16

Anoitecer

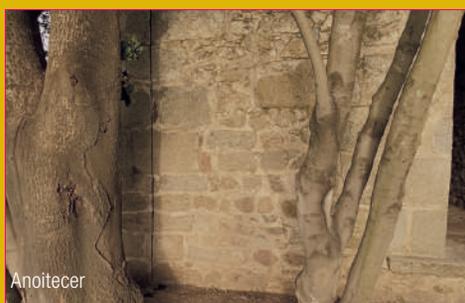
Evocação de um tempo e lugar passados, da memória e da imaginação, do desejo entre duas adolescentes.

Tatiana Ramos (Portugal, 2024, 7')
Doc. VO portuguesa, leg. português. M/16

Clotilde

Num planeta distante, onde a reprodução é uma atividade obrigatória no dia-a-dia dos seus habitantes, existe uma extraterrestre que simplesmente deseja satisfazer-se.

Maria João Lourenço (Portugal, 2023, 4')
Anim. VO fictícia, s/ legendas. M/16



©Alme Belfort

The Disappearance of Shere Hite

À data da sua morte, em 2020, Shere Hite era desconhecida até das jovens gerações de feministas. A sua trilogia de inquéritos, produzida entre 1976 e 1987, incidiu sobre a sexualidade e vida familiar da população norte-americana. Altos níveis de frustração orgásmica nas mulheres, uma inconfessa carência afetiva nos homens, bem como relatos de relações entre pessoas do mesmo sexo, formam partes cruciais destes livros. Mas as descobertas de Hite, apesar de inicialmente aclamadas, foram insuportáveis ao status quo neo-puritano que se instalou após a revolução sexual, e Hite acabaria por procurar na Europa o conforto do anonimato. Apoiada em depoimentos de amigos e ex-amantes, e num extenso conjunto de imagens de arquivo e aparições televisivas, Nicole Newnham discerne neste filme uma mulher de beleza e substância: apta a financiar o trabalho intelectual posando como modelo; apta a afirmar e viver a sua bissexualidade; apta a propor um feminismo que libertaria mulheres e homens para uma vida sexual e relacional satisfatória. Um retrato que faltava à história do feminismo e à história da vida privada. C.C.H.

Nicole Newnham (EUA, 2023, 118')
Doc. VO inglesa e francesa, leg. em português. M/16



© Iris Brosch

Sábado 12 outubro
Batalha, Sala 2, 19h30

Lady Like

Este documentário narra a jornada não ficcional do artista inglês Rex Wheeler, mais conhecido pelo nome artístico Lady Camden, mostrando parte de sua difícil infância e como o balé foi até certo momento um caminho para a autoexpressão, assim como a arte drag, quando esta se torna uma nova paixão, a ponto de transformá-lo numa celebridade *drag* internacional por ter conquistado o segundo lugar na 14ª temporada do *reality show* estadunidense *RuPaul's Drag Race*. Narrado por uma das estrelas desse programa televisivo, Nina West, o filme *Lady Like* explora também as consequências do *bullying* sofrido na infância e como Wheeler lidou com o luto pelo suicídio de uma pessoa querida. Com a persona *drag* Lady Camden, o artista usa da fantasia e da alegria para criar esperança e cura para si próprio e para outras pessoas, uma vez que aprende gradualmente em sua caminhada a se abraçar em direção ao resgate de sua criança interior. H.P.

Luke Willis (EUA, Reino Unido, 2024, 87')
VO inglesa, leg. em português



Sexta-feira 11 outubro
Batalha, Sala 1, 19h15

Si Je meurs, ce sera de joie

A sociedade atual é idadista e tanatofóbica. Valoriza-se o ser humano como ente reprodutivo, e as pessoas vivem obcecadas com parecer sempre novas. Os corpos das pessoas mais velhas são, amiúde, esquecidos, isolados, rejeitados. Confrontado com esta questão, Alexis Taillant contactou a organização Greypride de Paris, e foi ali que entrou em contacto com Micheline, Francis e Yves, líderes de um grupo de pessoas ativistas mais velhas que querem revolucionar a vida das pessoas idosas, desafiando estereótipos e julgamentos, enquanto redefinem as noções de sexo, amor e envelhecimento. Com eles, fez um dos melhores documentários que temos visto recentemente sobre o poder da velhice, um filme cheio de ideias bem executadas: focar antes no futuro que no passado dos protagonistas, explorar narrativamente a sua imaginação e criatividade, trabalhar visualmente as noções do toque e da distância, para nos aproximar à sua intimidade, ou pô-los a dançar ao som das suas músicas favoritas. Um filme que transborda de empatia. C.R.

Alexis Taillant (França, 2024, 80')
Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16



Sábado 12 outubro
Batalha, Sala 2, 17h15

Espaços Seguros

Justaposições de pertencimento e não pertencimento no dia a dia

Hilda de Paulo

Pois que vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que [não é dita a toda a gente] qual era o botão de acender.

Clarice Lispector (1998, p. 29)

O teórico francês Sam Bourcier (2023, p. 28-29) conta que “todo o século 19 e boa parte do 20 visibilizou-criou-arquivou os invertidos, os homossexuais, os racializados, os débeis, os indigentes, os indígenas, os miseráveis, as identidades sexuais e racializadas, medicalizando e criminalizando-os”. Dessa maneira, pode-se dizer que o arsenal retórico colonial e escravista dos arquivos oficiais atua como um operador político dominante que apaga determinados corpos das narrativas nacionais, e não é por acaso que, na curta-metragem *Vollúpya* (2024), de Éri Sarmet e Jocimar Dias Jr., com banda sonora de Navalha Carrera, vemos um VHS com imagens de arquivo da década de 1990 das festas da boate “GLS” *Vollúpya*, encontrado no lixo do Museu de Arte Contemporânea de Niterói. Entrelaçando ficção científica com memória e história, o filme cria uma metáfora da tentativa de assumir o comando dessa narrativa oficial, mostrando uma compilação de registros desse espaço de acolhimento a determinados corpos tidos como subalternos, que eram rejeitados em espaços cisheteronormativos. E pensando na longa história brasileira “esquecida” das práticas de resistência ao binarismo de gênero, encontramos cenas poderosíssimas no filme, como a da travesti Lacraia dançando e a da Aloma – a Diana Ross do Rio de Janeiro – com os seus números de Orixás.

Pirenopolynda (2023) – nome composto por aglutinação a partir das palavras “Pirenópolis” (cidade localizada no estado de Goiás, no Brasil)

+ “lynda” (resultado da palavra “linda” com a vogal oral indígena “y”) –, de Tita Maravilha, Izzi Vitório e Bruno Victor, com a banda sonora de Cigarra, mergulha no ritual da pamonhada – agora como “pamonhada travesti” –, feito pela própria artista Tita Maravilha, com as amigas Ieda Figueiró e Taira Nebul, para apresentar questões ligadas a religiosidade, pertencimento, tradição e travestilidade, confluindo entre vários momentos artísticos e performativos – como o do carro de mensagens ao vivo e o da lenda da garota pau-brasil – e os arquivos da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis. E não passa batida a referência que o filme faz brilhantemente ao poema “Eu, monstro meu”, de Susy Shock, para regressar às memórias do Cerrado de Tita Maravilha.

Já em *Toda Noite Estarei Lá* (2023), Suellen Vasconcelos e Tati Franklin documentam a luta da ativista e cabeleireira Mel Rosário por fazer valer o seu direito constitucional à liberdade religiosa, uma vez que ela foi proibida de assistir ao culto evangélico pela própria igreja por ser uma mulher trans. Esse caso evidencia, assim, toda a ficcionalidade política encarnada operante na sociedade estruturada em preconceitos, que produz um modelo de normalização em que todos os corpos são expostos e, por consequência, atravessados violentamente de maneiras distintas pelo território do medo. Por isso, é importante aqui compreender a identidade de gênero como um campo subjetivo constantemente atravessado pelo medo, pela violência e pelo sofrimento que a sociedade produz, lembrando que o colonialismo e a escravidão não representam apenas um momento da história, mas ainda são utilizados como tecnologias de poder e de controle necropolítico.

Sob outro enfoque, na curta-metragem *Habitar* (2023), Anxos Fazáns entrega alguns retratos íntimos de pessoas trans* da Galícia para responder algumas questões sobre o funcionamento, os atributos e os processos de formação das identidades em relação aos modos de construção e ocupação do espaço privado, tocando também na questão do pertencimento, para mostrar como a invocação performativa de cada pessoa carrega a intenção de fundar a sua própria existência.

Já em *Genderpoli* (2023), Ingrid Kamerling alterna entre a observação e



A House Is Not a Disco



Can't Stop Change: Queer Climate Stories from the Florida Frontlines



Genderpoli



Habitar

Espaços Seguros

as entrevistas para construir seu documentário, exibindo o dia a dia do complexo funcionamento de uma clínica exclusivamente para pessoas transgêneros na cidade de Zaandam nos Países Baixos. A partir do preparo de jovens e de seus pais da melhor forma possível para atravessarem a jornada emocional da transição social que os espera, a equipe dessa clínica tem que ao mesmo tempo lidar com as constantes questões financeiras, a carga de trabalho pouco saudável e as restrições administrativas. Por exemplo, há uma reunião em que o grupo vai discutir se retiram ou não a bandeira do arco-íris da fachada da clínica, porque o Departamento de Psiquiatria Transcultural havia anteriormente solicitado a retirada dizendo que esse tal apetrecho somente deveria ser usado em ocasiões de celebração, como a Parada LGBTQIA+.

E no filme *One Night at Babes* (2024), Angelo Madsen Minax amorosamente documenta o Babes Bar – que se localiza na antiga cidade fabril de Bethel, em Vermont – como uma alegre coleção de retratos de pessoas de gerações e identidades distintas que frequentam esse espaço comunitário inclusivo e diverso, mostrando, assim, como esse estabelecimento se tornou parte integrante das vidas delas. A captação da celebração da clientela no filme não pode ser vista como algo ingênuo, porque, de certo modo, as violências também são reveladas, como é o caso da persistente discriminação contra as pessoas negras ou da resistência inicial de parte da população quando o bar foi comprado por dois jovens cis gays. Por isso, não é à toa que o lema do Babes Bar é “Venha como você é [livre de preconceitos]”.

Já em *A House is Not a Disco* (2024), Brian J. Smith retrata uma parte do cotidiano da comunidade queer da Fire Island Pines, intercalando o passado e o presente dessa icônica cidade litorânea através da reflexão de antigos e novos habitantes para mostrar o seu legado e o seu movimento de se tornar cada vez mais um lugar inclusivo, ao mesmo tempo que precisa enfrentar a elevação do nível do mar causada pelas alterações climáticas. Por fim, em *Can't Stop Change: Queer Climate Stories from the Florida Frontlines* (2024), de Vanessa Raditz, Natalia Villarán-Quiñones, Yarrow Koning, Shoog McDaniel e Jess Martínez, vemos as comunidades

LGBTQIA+ da Flórida também na linha da frente contra as alterações climáticas, conforme a violenta legislação estadual cresce. A partir de uma narrativa interseccional de justiça climática, notamos no documentário que a condição existencial está intrinsecamente ligada à condição geográfica, aflorando questões sobre ancestralidade, migrações, fronteira, pertencimento, ecologia *cuir*, colapsologia, memória, história, trauma e esquecimento etc., através das afirmações de quatorze pessoas LGBTQIA+ entrevistadas. Em certo momento do filme, Houston R. Cypress, membro indígena do Love the Everglades Movement, conta que a América é “como uma estrutura [colonial] que foi imposta sobre esta terra, e as suas repercussões são coisas com que, todavia, nós estamos lidando [ainda hoje]”, afirmação que bem dialoga com o que a autora Dionne Brand (2022, p. 79-80) escreve sobre “origens” em seu livro *Um mapa para a porta do não retorno: notas sobre pertencimento*: “Uma cidade não é um lugar de origens. É um lugar de transmigrações e transmogrificações. [...] As origens são reabilitadas e reconstruídas aqui. [...] A cidade é um lugar onde antigas pessoas migrantes transmogrificam em cidadãs com origens desaparecidas que veem as novas figuras migrantes como estrangeiras, esquecendo-se de seus próprios voos. E essas novas figuras migrantes permanecem imigrantes até que elas também possam ter suas origines desaparecidas”.

Referências bibliográficas

BOURCIER, Sam. “As políticas do arquivo vivo”. Em: IRINEU, Bruna Andrade et al. (org.). Políticas de vida: coproduções de saberes e resistências. 1. ed. Salvador: Devires, 2023.

BRAND, Dionne. Um mapa para a porta do não retorno: notas sobre pertencimento. 1. ed. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2022.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.



Espaços Seguros

Terça-feira 8 outubro • Batalha, Sala 2, 19h30

Habitar

O que é uma casa? Pode um corpo tornar-se um abrigo? O filme tenta responder a estas perguntas sobre a construção das nossas identidades, através de retratos íntimos de pessoas transgénero e não binárias da Galiza.

Anxos Fazáns (Espanha, 2023, 15')
Doc. curto. VO galega, leg. em inglês. M/16

Genderpoli

Uma clínica de sexualidade nos Países Baixos oferece aconselhamento a jovens que se debatem com a sua identidade de género. O documentário foca-se num grupo diversificado de profissionais que lá trabalham e nos inúmeros dilemas que enfrentam. As suas orientações não raras vezes dão lugar a alterações de documentos oficiais ou a significativas intervenções médicas.

Ingrid Kamerling (Países Baixos, 2023, 78')
Doc. VO holandesa, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 9 outubro • Batalha, Sala 2, 19h30

Pirenopolynda

Em Pirenópolis, Goiás (Brasil), a Festa do Divino acontece há 200 anos. Tita nasceu nesta pequena cidade e guarda memórias afetivas preciosas sobre a festa. Anos depois, ao visitar essas memórias, a artista pretende reconstruir e re-traditionalizar a festa sob um viés afetivo decolonial.

Tita Maravilha, Izzi Vitorio, Bruno Victor (Brasil, 2023, 24')
Doc. curto. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Toda Noite Estarei Lá

Depois de sofrer uma agressão física por transfobia na igreja evangélica que frequentava, Mel Rosário reivindica os seus direitos em tribunal e faz protestos em frente à igreja que a impede de frequentar as missas. Enquanto luta por justiça, Mel encontra uma forma de se reinventar e sobreviver num Brasil bolsonarista.

Suellen Vasconcelos, Tati Franklin (Brasil, 2023, 72')
Doc. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 10 outubro • Batalha, Sala 2, 19h30

One Night at Babes

Em 2017, dois homens trans compraram um bar adjacente a uma estação ferroviária há muito abandonada, em Bethel, no Vermont (EUA), população: 891. Os jovens proprietários queer transformaram o decrepito espaço num local bem mais apelativo, de nome Babes. Rapidamente, o Babes Bar encheu de gente e os conservadores habitantes da cidade de Bethel não pareceram importar-se com quem os servia, desde que não faltasse cerveja.

Angelo Madsen Minax (EUA, 2024, 29')
Doc. curto. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Can't Stop Change: Queer Climate Stories from the Florida Frontlines

À medida que se põe termo a mais um período legislativo, o filme retrata o impacto quotidiano dos ataques às comunidades queer, trans e a outros grupos marginalizados, na Flórida. Simultaneamente, o documentário examina as formas como os desastres políticos agravam os efeitos dos desastres naturais, como o histórico furacão Ian que devastou este estado. Através de entrevistas *in loco* sobre a subida dos níveis do mar, tempestades cada vez mais agressivas, e a escalada da violência estatal na Flórida, o filme articula uma narrativa temporal e interseccional de justiça climática.

Vanessa Raditz, Natalia Villarán-Quiñones, Yarrow Koning, Shoog McDaniel, Jess Martínez (EUA, 2024, 97') • Doc. VO inglesa, leg. em inglês e espanhol. M/16

Sexta-feira 11 outubro • Batalha, Sala 2, 17h15

Vollúpya

Num futuro pós-apocalíptico, um explorador intergaláctico aterriza num museu abandonado em busca de vestígios dos seus ancestrais e acaba sendo teletransportado para a pista de dança da Vollúpya, uma boate LGBTQI+ que prosperou por doze anos em Niterói, Rio de Janeiro. Através de uma montagem elaborada a partir de arquivos de vídeo, fotografias e depoimentos em áudio, *Vollúpya* apresenta uma perspetiva única sobre a vida noturna queer brasileira nos anos noventa.

Éri Sarmet, Jocimar Dias Jr. (Brasil, 2024, 22')
Docufic. curta. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

A House Is Not a Disco

E se todos os gays fossem enviados para uma ilha? Neste retrato caleidoscópico do paraíso queer de Fire Island, o passado e o presente confundem-se à medida que a icónica estância balnear junta esforços para celebrar o seu legado e se redefinir para uma nova era mais inclusiva.

Brian J. Smith (EUA, 2024, 90')
Doc. VO inglesa, leg. em português. M/16

Queer Focus: Resistência Queer

Cuidado e Pertença

Daniel Pinheiro

“Um estado cuidadoso é aquele onde as noções de pertença estão sustentadas no reconhecimento das nossas interdependências mútuas, em vez de na identidade étnico-cultural e nas fronteiras racializadas, defendidas em nome da segurança nacional. É aquele em que a provisão de todas as nossas necessidades básicas é garantida, enquanto, ao mesmo tempo, procura assegurar um meio ambiente saudável e reforça uma democracia participativa a todos os níveis.” – The Care Collective (Andreas Chatzidakis, Jamie Hakim, Jo Littler, Catherine Rottenberg e Lynne Segal), *The Care Manifesto: The Politics of Interdependence*. Verso, 2020 (p. 59).

Para poder falar de resistência é sobretudo necessário falar de alternativas. Alternativas propostas através de um repensar o mundo em que vivemos pela força da criatividade. Numa sociedade altamente fragmentada como a atual, a visão proposta pelo ‘The Care Collective’ oferece precisamente isso. Algo que não devia ser uma utopia, mas sim um modelo que se sustenta na mutualidade onde todas as pessoas são tidas em conta da mesma maneira. Uma visão que contrasta com o modelo vigente que, por sua vez, expropria e exclui, justificando-se disfarçadamente como patriotismo. Assim, podemos olhar como através do cinema queer, artistas utilizam o meio como ferramenta para resistir às forças opressoras. Na sociedade atual, o papel da arte, e do cinema em particular, como forma de resistência, não pode ser deixado de lado. O cinema tem sido um meio através do qual ideias subversivas e vozes de grupos marginalizados têm encontrado a sua expressão. A necessidade de enfrentar problemas sistémicos que colocam em causa a vivência de um determinado grupo de pessoas implica a resistência, nomeadamente da comunidade queer que, historicamente, tem sido alvo de marginalização pelas estruturas de poder

que ditam normas no sentido de instalar uma hegemonia.

Olhando para a definição de James C. Scott (1985), o enquadramento da resistência é moldado pelas próprias instituições que procuram reprimi-la (Scott, 1985, p.299). Esta perspetiva ajuda-nos a entender a diversidade de filmes apresentados neste programa, cada um representando respostas para formas de repressão específicas a partir de vários contextos políticos e sociais. Estes filmes, no seu conjunto, procuram refletir sobre as realidades políticas enfrentadas pela comunidade queer a partir de várias geografias. A breve incursão sobre a análise¹ de Scott sobre resistência permite-nos olhar para ela também enquanto atos quotidianos de revolta contra a opressão sistémica; algo bastante comum na comunidade queer onde todos os dias são pequenos atos de transgressão que constituem o trabalho de desafiar as normas sociais. Estes atos são particularmente relevantes numa era de regressão social que vai em direção ao autoritarismo e ameaça a liberdade de expressão e diversidade cultural. O contexto global, marcado por uma crescente polarização e conservadorismo, é uma ameaça a todas as comunidades marginalizadas e destaca a importância de uma forte resistência contra este movimento. Neste sentido, a secção do Queer Focus da 10ª edição do festival, é um alerta e uma homenagem; um cinema de urgência, com um apelo particularmente ativista, nos dias de hoje, face à ascensão das extremas-direitas, aos distúrbios sociais e culturais e às invasões militares que sofrem, especificamente, as sociedades de países, onde vidas e direitos são postos em causa. Os filmes aqui apresentados abordam temas críticos como fronteiras, zonas de conflito, e o impacto de ideologias políticas extremistas, particularmente em regiões como a Europa de Leste e Médio Oriente. Com destaque para a realidade vivida pelas populações LGBTQI+ em países como o Kosovo, Palestina, Chipre ou Ucrânia – regiões onde a instabilidade política coloca em risco a vida de pessoas marginalizadas. A resistência queer, como todas as formas de resistência, é multifacetada e derivada do seu contexto. As intervenções ativistas aqui apresentadas



Buffer Zone



Sultana's Reign



My Whole Heart Is with You



As I Was Looking Above, I Could See Myself Underneath

¹James C. Scott, *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. Yale University Press, 1985.

Queer Focus: Resistência Queer

são um esforço deliberado para confrontar e questionar as condições de imposição pelo exatamente oposto ao que um “estado cuidadoso” deveria ser. Estas expressões são vitais, não só pelo seu impacto imediato, mas pelo seu papel em abrir diálogo sobre direitos, identidade e liberdade. Olhemos então para o programa: *As I Was Looking Above, I Could See Myself Underneath*, de Ilir Hasanaj, o documentário que conquistou audiências na edição de 2023 do Queer Lisboa, é um retrato gentil e significativo que dá cara aos quotidianos de pessoas da comunidade LGBTQI+ do Kosovo, que através de vivências sociais de exclusão permanecem na procura de um lugar em que possam existir em segurança e sem ter de enfrentar preconceito. Para construir um programa como este era impossível não olhar para o que outras organizações também dedicadas ao cinema estão a fazer e, como resultado disso, surge a parceria com as plataformas ‘Cinema Política’ e ‘Queer Cinema for Palestine’ trazendo a sua iniciativa *Foggy: Palestine Solidarity, Cinema & The Archive*, um conjunto de curtas-metragens que propõem reflexões híbridas de montagem, justaposição, reconstituição e diálogo, explorando o tema da solidariedade com a Palestina. Filmes de Mike Hoolboom, Annie Sakkab, Hadi Moussally e Amy Gottlieb – ativista recentemente falecida a quem o programa está dedicado –, fazem parte de uma mostra que questiona como as memórias familiares podem informar a solidariedade, como arquivos privados podem

tornar queer as histórias públicas, ou como fotografias de ontem podem vir a tornar-se nas imagens do amanhã. Para concluir, uma sessão composta de curtas-metragens dialogam entre si para dar contexto a uma reflexão mais ampla sobre liberdade: por diversas razões, os laços familiares são aqueles mais difíceis por vezes de desfazer mas é esse gesto que em *Monument*, Maksim Avdeev aprofunda, num espelho de como a sua relação com o seu pai é um motivo maior para ter sido forçado a fugir da Rússia por causa da sua identidade queer; atravessando a complexidade das amizades em momentos de mudança, a identidade cultural palestina é também trazida e questionada em *A’lam*, de Saleh Saadi; na zona desmilitarizada do Chipre, uma história de fantasiosa esperança na procura da redenção é pautada por desejo e música em *Buffer Zone*, de Savvas Stavrou; Anton Shebetko traz-nos imagens de arquivo de/em *Simeiz*, uma pequena localização na costa sudeste da Crimeia e um antigo lugar seguro para pessoas queer se encontrarem e que está em risco de desaparecer enquanto tal devido a leis impostas desde a ocupação territorial. Todos estes títulos são propostas para continuar a pensar alternativas em função de uma sociedade mais justa e igual. Este programa é uma necessidade de assumir, mais uma vez e propositadamente, um compromisso em honrar a coragem e criatividade daqueles que persistem em resistir e desafiar, apesar das adversidades.

Quarta-feira 9 outubro • Casa Comum, 18h00

Queer Resistance Shorts (74’)

Monument

Um ano e meio depois de fugir da Rússia por ser queer, o cineasta Maksim Avdeev quebra o silêncio com o seu pai nacionalista, por telefone.

Maksim Avdeev (Alemanha, 2024, 15’) • Doc. curto. VO russa, leg. em inglês. M/16

A’lam

Nassim visita a sua melhor amiga May, antes de esta se mudar para os Estados Unidos. Passam a sua última noite juntos, em Jerusalém. Os acontecimentos dessa noite trazem à tona a complexidade da sua amizade.

Saleh Saadi (Palestina, 2022, 25’) • Fic. curta. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Buffer Zone

Dois jovens soldados, em lados opostos da fronteira inimiga, apaixonam-se e encontram um escape aos seus respetivos contextos opressivos, através da música.

Savvas Stavrou (Chipre, Reino Unido, 2022, 16’) • Fic. curta. VO grega e inglesa, leg. em inglês. M/16

Simeiz

Simeiz é uma pequena vila na costa sul da Crimeia, temporariamente ocupada pela Rússia. Na era soviética, a vila tornou-se num resort gay marginal. Tudo começou com uma pequena praia de nudismo; o popular bar e discoteca Hedgehogs apareceu mais tarde, já na Ucrânia independente. A partir da década de 1990, Simeiz tornou-se um importante ponto de encontro para membros da comunidade LGBTQI+ da Ucrânia, Bielorrússia e Rússia.

Anton Shebetko (Ucrânia, 2022, 18’) • Doc. curto. VO ucraniana, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 10 outubro • Casa Comum, 18h00

Cinema Política Shorts (83’)

“Foggy: Palestine Solidarity, Cinema & The Archive”

Sultana’s Reign

Refletindo sobre a sua vida na Jordânia, no Egito, Líbano, até Nova Iorque, Sultana fala-nos dos desafios de atuar como drag em sociedades conservadoras, da sua nostalgia pelos dias de glória, do glamour dos ícones do cinema egípcio, e da sua luta em provar a sua existência e a sua autoexpressão como performer e como artista.

Hadi Moussally (Líbano, 2023, 10’) • Doc. curto. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Homecoming Queenz

Uma insubordinada drag palestina confronta os seguranças aduaneiros do aeroporto Ben Gurion, em Israel.

Elias Wakeem (Palestina, 2023, 11’) • Doc. curto. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Tempest in a Teapot

Um vídeo sobre a mãe de Amy Gottlieb e sobre as suas atividades políticas radicais.

Amy Gottlieb (Canadá, 1987, 4’) • Doc. curto. VO inglesa, s/ legendas. M/16

Khobs & Chai

Uma conversa em *stop motion* com uma avó querida.

Noor Gath (Canadá, 2021, 4’) • Doc. curto. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Nazareth

Um regresso ao fatídico ano de 1948 em Israel, reenquadrado por uma única fotografia que vai focando um rosto de cada vez. Quatro figuras numa encosta testemunham a sociedade revolucionária, o novo estado, a nova lei. Como tantos outros momentos de catástrofe, este está repleto de silenciamentos e fantasmas. Como falar daquilo que não se pode verbalizar, como mostrar o que não se vê?

Mike Hoolboom (Canadá, 2021, 7’) • Doc. curto. VO inglesa, s/ legendas. M/16

My Whole Heart Is with You

Imagens manipuladas de um dos discursos árabes mais icónicos e comoventes do Século XX: o discurso de renúncia do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser, proferido após a derrota de 1967.

Essa Grayeb (Palestina, 2022, 9') • Curta Exp. S/ diálogos. M/16

Even a Dog in Babylon Is Free

Inspirada numa carta escrita no século VII a.C. pelos babilónios ao rei assírio Assaradão, na qual exigem direitos iguais aos estrangeiros na sua cidade, assistimos a uma encenação radical de debates, dúvidas e solidariedade.

Lior Shamriz (EUA, 2024, 18')

Curta Exp. VO inglesa e árabe, leg. em inglês. M/16

The Poem We Sang

Uma meditação sobre o amor e a saudade – o amor da família e a saudade do lar, contemplados através da superação do trauma da perda da casa familiar e da migração forçada, transformando os arrependimentos de uma vida inteira numa jornada de cura, de catarse criativa e de testemunho.

Annie Sakkab (Canadá, Palestina, Jordânia, 2024, 20')

Doc. curto. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 10 outubro • Casa Comum, 19h30

Debate Resistência Queer

Debate com Lokas Cruz, Rita Al Salaq e José Soeiro, com moderação de Daniel Pinheiro

A secção do Queer Focus deste ano do festival serve também enquanto plataforma crítica para dar a ver narrativas de resistência que não só celebram a resiliência e persistência criativa, mas procuram estimular o diálogo e a reflexão. Um exemplo disso é a parceria com as plataformas 'Cinema Política' e 'Queer Cinema for Palestine' com a mostra da sua iniciativa *Foggy: Palestine Solidarity, Cinema & The Archive*. Programa que dá o mote para uma conversa mais alargada com Lokas Cruz (Ativista na Humans Before Borders), José Soeiro (Sociólogo e Político) e a ativista queer palestina, Rita Al Salaq. A partir das suas experiências enquanto pessoas envolvidas em ações de relevo para uma maior consciência social, procuramos dar acesso a um pensamento sobre práticas coletivas de resistência e estratégias de organização e expressão. Recorrendo a ferramentas como o Cinema, como se pode agir no sentido de tentar desarmar as configurações sociopolíticas que constantemente ameaçam a construção de uma sociedade mais justa e igualitária?

Sexta-feira 11 outubro • Casa Comum, 18h00

As I Was Looking Above, I Could See Myself Underneath

Sete pessoas LGBTQI+ de diferentes origens e gerações contam a sua história de descoberta queer e as suas experiências de vida num ambiente de rejeição e exclusão. O documentário explora as suas esperanças e sonhos, os sentimentos de perda e derrota, e o significado de uma casa. É o primeiro filme do género no Kosovo que mostra os seus protagonistas sem borrar os rostos ou mudar os seus nomes verdadeiros.

Ilir Hasanaj (Kosovo, 2022, 62') • Doc. VO albanesa e inglesa, leg. em inglês. M/16

Cozinha tradicional,
sem o animal



Rua do Almada, 307
4050-038 Porto

+351 222 087 003

www.ncnp.pt

acasa
formosa
.com

is about to cum...

meanwhile, go here @acasaformosa

Noites no Passos

The Visitor

Bruce LaBruce propõe uma releitura do *Teorema* (1968), de Pasolini, onde o cineasta faz uma crítica aos costumes da burguesia. Terence Stamp interpretava o “convidado” que, um a um, seduzia os membros da família e, ao partir, deixa neles um enorme vazio existencial. Nesta reinterpretação de LaBruce, o “convidado” é um refugiado negro que dá à costa, nu, dentro de uma mala, nas margens do Tamisa. Numa Inglaterra fortificada à imigração, o enigmático e sexualmente fluido estrangeiro aparece à porta de uma família burguesa. Seduz a empregada que, querendo-o por perto, apresenta-o aos patrões como seu sobrinho, acabando este por ficar aí a trabalhar. Um a um, o “convidado” seduz e faz sexo com mãe, pai, filho e filha, mergulhando-os num delírio sexual pintado a azul e regado de fluidos, e promovendo o incesto como derradeiro ato revolucionário. No final, o pai verbaliza esta revolução, quando diz ao “convidado”: “Tu colonizaste o colonizador” e cada membro da família sofre uma transformação espiritual e sexual, quando também o “convidado” parte inesperadamente. J.F.

Bruce LaBruce (Reino Unido, 2024, 101')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/18



Quarta-feira 9 outubro
Passos Manuel, 22h00

S/He Is Still Her/e: the Official Genesis P-Orridge Documentary

Figura transgressora na arte, no seu corpo, na vida, Genesis P-Orridge está na linha da frente da revolução do género, mas também da música, ao mesmo tempo em que evoca uma espiritualidade, muitas vezes boia de salvação para um percurso de vida feito de perdas e excessos, ligada sobretudo ao ocultismo e ao paganismo. Este mais recente documentário sobre a sua vida é também o prenúncio da sua morte, que vem a ocorrer em 2020, onde, com enorme debilidade física, Genesis nos oferece um generoso último suspiro sobre quem é, cabendo-nos a nós, espectadores, permitirmo-nos ao espanto de entender outras formas de estar e de fazer. Genesis nasce em Manchester, fez parte do coletivo de performance art COUM Transmissions, e em 1976 funda a banda industrial Throbbing Gristle e depois o Thee Temple ov Psychick Youth, que promove o sexo mágico e que lhe vale um mandato da Scoltand Yard que faz com que tenha de se mudar para os EUA. Em 1993, conhece Lady June e, juntas, em Queens, notavelmente desenvolvem o conceito de “pandrogeny”, que opera uma verdadeira revolução cultural. J.F.

David Charles Rodrigues (EUA, 2024, 98')
Doc. VO inglesa, leg. em português. M/16



Quinta-feira 10 outubro
Passos Manuel, 22h00

© Marie Losier

Noites no Passos

Sexta-feira 11 outubro • Passos Manuel, 22h00

Mathieu Morel Shorts (94')

Cum in My Heart (ou le fabuleux lâcher prise de Thomas Timbère)

Um fantasma tenta entrar em contato com um poeta. No centro de acolhimento de menores de Pont-Bragnotles (que, na verdade, é um orfanato, embora lá não se diga essa palavra), Thomas inventa, Thomas fantasia.

Mathieu Morel (França, 2022, 22') • Fic. curta. VO francesa, leg. em inglês. M/16

The Deep Queer Massacre

Programa desta noite: amor, bruxaria e assassinato em 3-D. Billy não consegue manter uma cara séria após assistir repetidas vezes ao seu filme favorito, no qual sete meninos comemoram um aniversário num castelo na Normandia...

Mathieu Morel (França, 2023, 29') • Fic. curta. VO francesa, leg. em inglês. M/16

ANAPIDAE (appelle-moi)

No cemitério de Naarièges, Mino guarda os portões, cuida dos mortos e também des enlutadas. A seu lado: um fantasma, uma viúva e uma enorme aranha. Estão ocupadas, em pânico, florescem, apaixonadas.

Mathieu Morel (França, 2024, 43') • Fic. curta. VO francesa, leg. em inglês. M/16



The Deep Queer Massacre



ANAPIDAE (appelle moi)



Autoras em Diálogo

Listening for Something... Adrienne Rich and Dionne Brand in Conversation

Adrienne Rich: renomada poeta feminista americana, autora de vários livros de prosa, poesia, ensaio e palestras. Dionne Brand: poeta, escritora e cineasta feminista, trinidadiana-canadiana. Para este filme, de forma incisiva e inquiridora, as duas mulheres encontraram-se num ambiente de intimidade à volta de uma mesa de cozinha, em corredores ou casualmente ao ar livre, nos Estados Unidos, no Tobago e no Canadá, para discutir o mundo tal como cada uma o vê – incluindo questões políticas, feminismo, racismo ou lesbianismo.

Dionne Brand (Canadá, 1996, 56') • Doc. VO inglesa, leg. em português.

Quarta-feira 9 outubro • Batalha, Cafeteria & Bar, 18h00

Isabelle Stengers: fabriquer de l'espoir au bord du gouffre

Num cenário onde uma misteriosa casa e uma floresta mágica se entrelaçam, a turbulenta filósofa belga Isabelle Stengers desenrola o fio do seu pensamento.

Fabrizio Terranova (Bélgica, 2023, 76') Doc. VO francesa, leg. em português. M/16

Sexta-feira 11 outubro • Batalha, Cafeteria & Bar, 18h00

Fernanda Young - Foge-me ao Controle

Um mergulho no universo íntimo e criativo da escritora, guionista e apresentadora, Fernanda Young. O documentário adota uma abordagem não convencional e transforma-se num ensaio poético, utilizando colagens disruptivas de arquivo e paisagens visuais e sonoras de momentos íntimos. O filme é também um convite para refletir sobre a criatividade e a coragem artística.

Susanna Lira (Brasil, 2024, 87') • Doc. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 12 outubro • Batalha, Sala 2, 15h00

Relatos Circunstanciais de um Estado de Coisas

Conversa com Geanine Escobar

Esta conversa entre as pesquisadoras Hilda de Paulo e Geanine Escobar parte da noção de pertencimento – tão trabalhada pela autora Dionne Brand e por outras pessoas autoras – para questionar algumas formas excludentes e subalternas de estar em sociedade, mas consideradas naturalizadas e normalizadas no dia a dia, expondo, assim, as crises, as tensões e as dificuldades que perpassam a pesquisa de cada uma. Trazendo à tona o arsenal teórico dos feminismos como gesto de letramento estético-político ao público, Hilda e Geanine caminham amorosamente juntas na esteira de seus próprios pensamentos para também pensar a partir da realidade dos espaços que se negociam entre mundos construídos e imaginados, bem como para refletir que, por detrás da nossa condição geográfica, está a nossa condição existencial.

Quarta-feira 9 outubro • Batalha, Cafeteria & Bar, 19h00

Isabelle Stengers

Conversa com Manuela Teles e Samuel Guimarães

À boleia do filme de Fabrizio Terranova, continuaremos a explorar a obra e pensamento de Isabelle Stengers. Originalmente formada em Química, Stengers é principalmente reconhecida pelos seus contributos para a filosofia da ciência, e pela rede de afinidades que criou com Donna Haraway, Bruno Latour e, por fim, com Starhawk. Da sua extensa obra publicada e intervenção pública, destacam-se, porventura, a ideia da indefensabilidade de uma “ciência neutra” e a reivindicação de uma “ecologia de práticas”, reforçada pela observação provocadora do amigo Latour no prefácio a *Power and Invention: Situating Science* (1997): “Já lhe disse, a Isabelle Stengers é sempre pior! Ela tanto escreveu sobre hipnose como sobre física, e compara alegremente a química laboratorial à etnopsiquiatria, chegando ao ponto de reabilitar a palavra ‘charlatão’”. Para uma conversa, como convém, interdisciplinar e desierarquizada, convidámos Manuela Teles, Investigadora FCT do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, no Mind, Language and Action Group (MLAG), e Samuel Guimarães, responsável pelo eusoupaisagem, Programa de Educação do Museu do Douro.

Sexta-feira 11 outubro • Batalha, Cafeteria & Bar, 19h30



Listening for Something... Adrienne Rich and Dionne Brand in Conversation



Isabelle Stengers: fabriquer de l'espoir au bord du gouffre



Fernanda Young - Foge-me ao Controle

Exposição

Queer Spectrum

Dana Click

Através da perspetiva única da fotografia analógica em 35mm, Queer Spectrum explora as diversas e expansivas paisagens da identidade queer e experiência vivida. Este projeto abraça as ricas complexidades encontradas em várias interseções, incluindo idade, raça, religião, vocação, identidade de género, saúde, imigração e mais. Cada fotografia capta pessoas no seu estado mais natural, livres de sobreprodução ou poses, revelando momentos genuínos de expressão natural. A exposição visa uma representação autêntica das diversas histórias da comunidade LGBTQ+. Originária do Bronx, Nova Iorque, Dana Click é fotógrafa, residente em Portugal, com uma paixão pela fotografia analógica em película. O seu trabalho vai do retrato à fotografia de rua, captando a beleza e humanidade do quotidiano de pessoas e lugares. Enquanto pessoa queer e não-binária, Dana impregna o seu trabalho de empatia e ativismo, focando-se em desafiar as iniquidades na cultura e nos sistemas. Em 2020, o seu projeto Black Lives Matter foi exposto em Times Square com ZAZ10. O seu trabalho tem sido exposto a solo e em exposições coletivas nos EUA e Portugal. Comprometida à diversidade e à resiliência, as lentes de Dana convidam-nos a abraçar a natureza multifacetada da experiência humana.

Segunda-feira 7 outubro a quinta-feira 7 novembro
Livraria aberta (Rua do Paraíso, 297-299, Porto)

Inauguração: segunda-feira 7 outubro, 18h00
Meet the artist: quinta-feira 10 outubro, 18h00



Festas

Welcome Party

Entrada gratuita

Para finalizar o primeiro dia desta 10ª edição do Queer Porto, voltamos ao nosso já habitual Bar of Soap, um ponto de encontro indispensável para a comunidade LGBTQI+ da cidade. Convidamos todas as pessoas a juntarem-se a nós neste espaço, que, ao longo dos últimos anos se transformou também numa das casas que acolhe o festival.

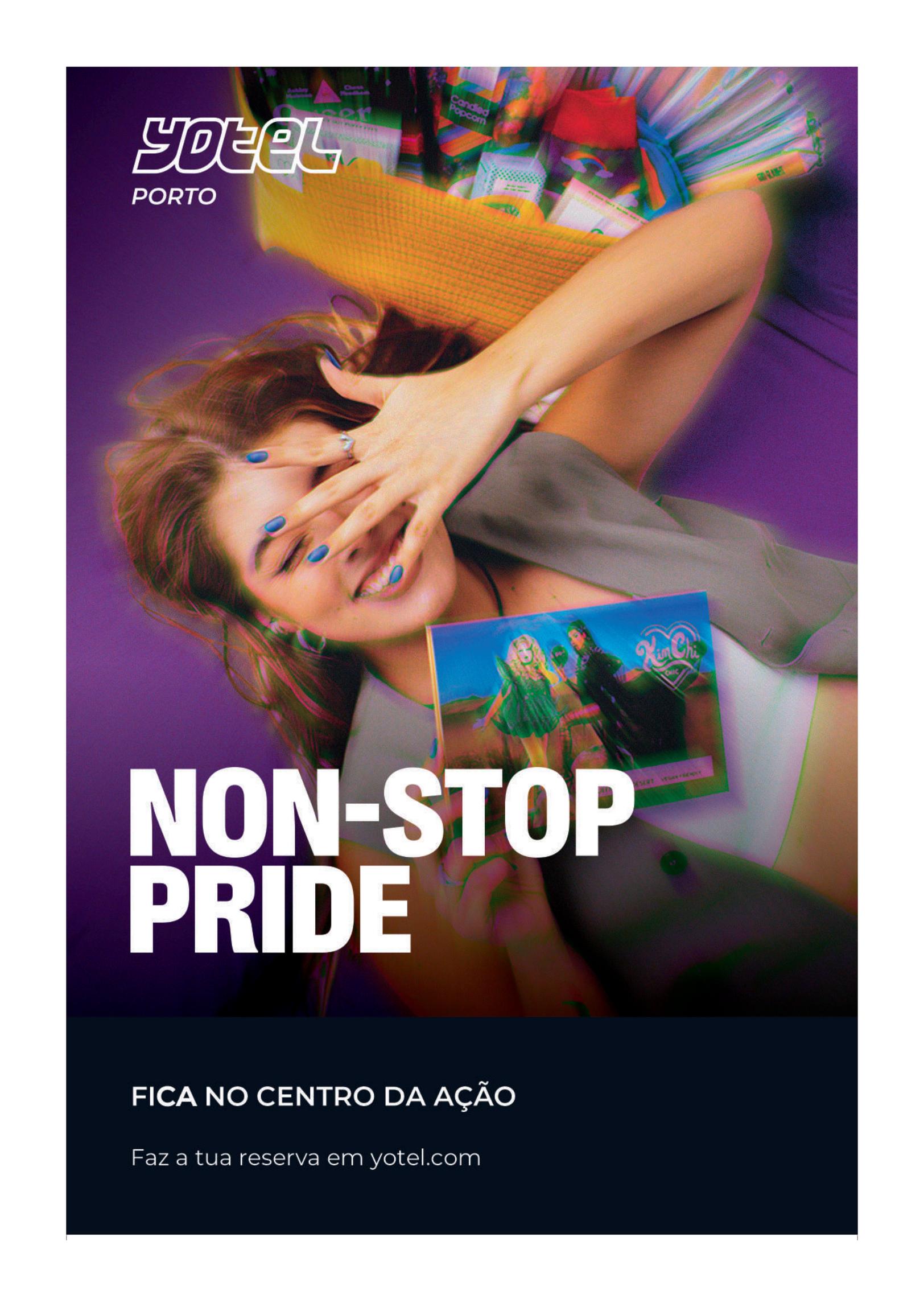
Terça-feira 8 outubro
Bar of Soap (Rua do Bolhão, 132), 22h00-02h00

Farewell Party

Preço: 5€

Depois do programa "Noites no Passos", encerramos a décima edição do Queer Porto neste lendário local da cidade, com uma noite de despedida onde as disco divas, princesas do punk rock, rainhas da casa e muitas outras mais se encontram para partilhar a pista de dança. A começar com electro-indie, italo-disco e queer beats a cargo de *Smells Like Queer Spirit Porto*, para tarde acabar com a energia de *Runnan*, inspirada na energia do baile funk agregado a vários estilos eletrónicos, fazendo do seu set um momento de liberdade para todos.

Sábado 12 outubro
Passos Manuel (Rua de Passos Manuel, 137), 23h00-05h00



yotel

PORTO

NON-STOP PRIDE

FICA NO CENTRO DA AÇÃO

Faz a tua reserva em [yotel.com](https://www.yotel.com)